

1912

—
Fevereiro, 3



N.º 3

—
Volume 1.º

A MASCARA

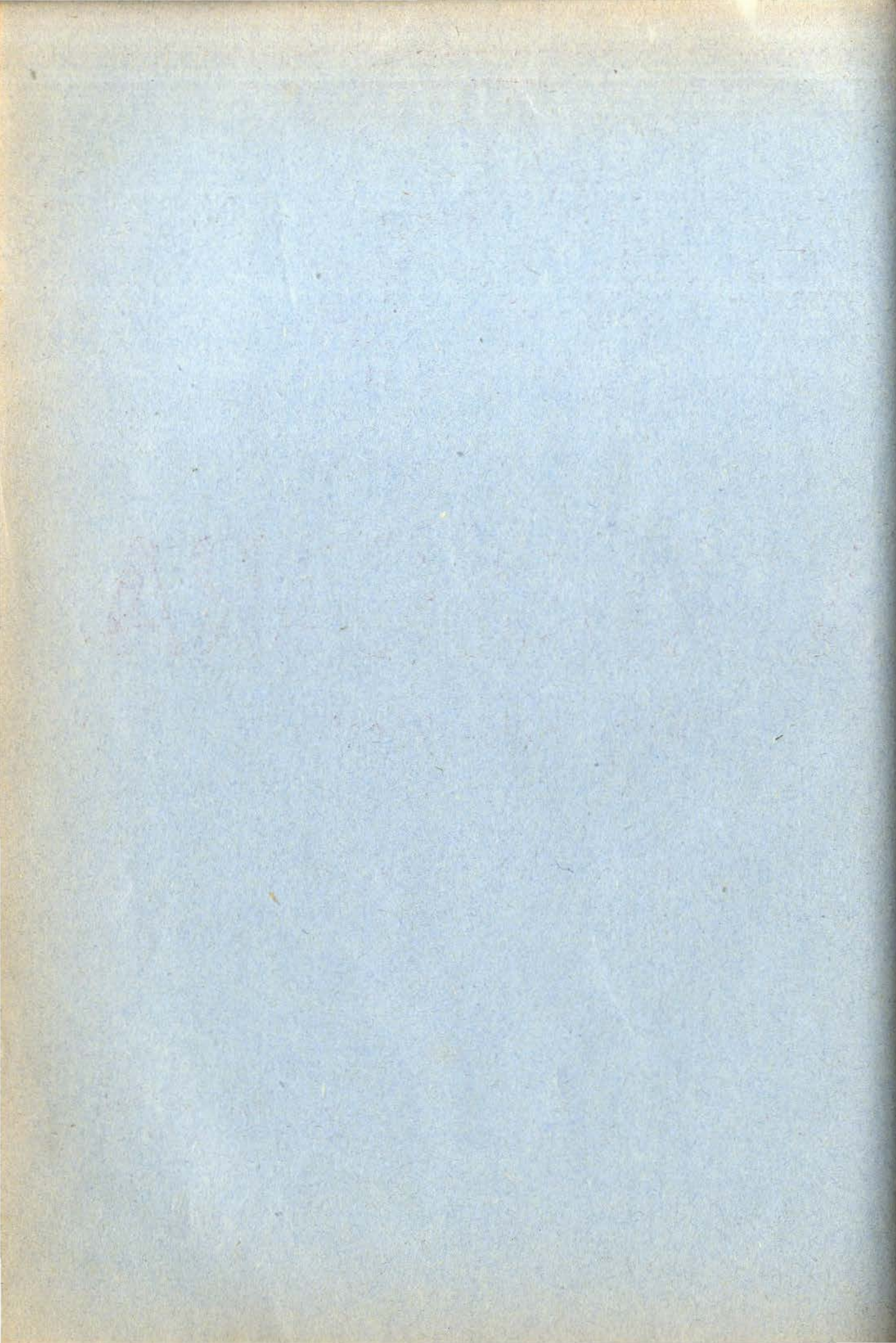
Arte—Vida—Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA
Baptista, Torres & Ct.ª
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA





A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 3 de Fevereiro de 1912

VI— O Rei dos Gatunos. *Peça em quatro actos de Francis de Croisset e Maurice Leblanc, traducção de Portugal da Silva.* (Theatro Gymnasio 20 de Janeiro)

DECIDIDAMENTE está escripto que uma certa especie de heroes de theatro, outrora empenhados em seduzir os corações mais inaccessiveis de mulher, vão desviando para outro lado as suas vistas, occupando-se em pôr á prova os mais inaccessiveis cofres-fortes e as mais complicadas fechaduras.

D'antes eram as declarações e as entrevistas o seu forte. Agora o seu forte são os arrombamentos e as pilhagens.

Na velha scena aprendiamos, invariavelmente, que a carne era fraca. Vamos, na scenã moderna, sendo identificados sobre a debilidade do aço e a culpabilidade do ferro.

E do mesmo modo como no theatro d'amor ha sempre um noivo afoito ou um marido ultrajado, empenhados em salvar a honra periclitante, ou mal ferida, e em defenderem a vacillante ou a culpada, ha, neste banalissimo theatro de roubos, sempre alguém interessado em salvar o dinheiro ou as joias ameaçadas ou desaparecidas — um policia argutamente habilissimo e fatalmente logrado — e outro alguém ainda mais interessado em nos demonstrar as excellentes qualidades do coração e da intelligencia dos gatunos — os auctores.

Vendo que os *Vinte Mil Dollars* de Armstrong e Felix Bermudes tiveram o magico condão de desenguiçar o Nacional da penuria e das vasantes que o perseguiam, o alegre

Gymnasio das gargalhadas, esta epocha em aziaga maré de enguiço, acreditando no poder desencalitante dos scenicos mariolas, escolheu para o seu cartaz faceto a peça de Croisset e Leblanc *Arsène Lupin*, ladrão-fidalgo, traduzida por Portugal da Silva, com o titulo melodramatico de *O Rei dos Gatunos*.

Quer-me parecer que *Arsenio Lupin* não trará á salasinha da Rua da Trindade a mesma aurea sorte que *Jimmy Samson* trouxe ao ex-Normal, não só por se parecer por uma penna com o *Raffles* de Presbey e Hornung, de desconcorrida memoria, mas porque, dentro do estapafurdio genero, a peça estopante dos francezes, girando sempre em torno á mesma scena, sendo, apenas, um roubo em quatro actos, apesar do elevador e das maróscas, está muito longe do grau de ardiloso interesse da obra repetidissima do Rocio.

Os senhores certamente me dispensam de, volvido *reporter*, noticiar aqui o furto do diadema da Princeza de Lamballe, committido em mirabolantes circumstancias pelo conhecidissimo filho do tramoiante Maurice Leblanc e do cabeçudo *Je sais tout*, que, para cá do estreito, veiu continuar a dynastia de unhas largas dos amigos do alheio, surgida, prolifica e methodicamente, da mente escrupulosa de alguns inglezes honrados.

O Rei dos gatunos é um folhetim fastidioso em quatro monotonissimos actos, obrigados a cordas, a mordanças, a armas de fogo, a muitos automoveis, a muitos policias, e a muitos bocejos. Um desafio massador entre *Arsenio Lupin*, feito *Duque de Charmerace*, e *Guerchard*, *Inspector Principal da Segurança*, feito um parvo acabado.

O Gymnasio montou a peça com certo luxo e cuidado. Não sendo, esse, algo comico, propriamente o genero de tal theatro, a companhia resente-se muito da mudança. Apenas Cardoso, se bem carregasse a nota, nos deu um pittoresco adventicio no *Gournay-Martin*, enriquecido á pressa. Albuquerque, defrontando-se com o protagonista, fez louvaveis esforços para triumphar na medida das suas forças. Parece-me, porem, que não conseguiu dar a permanente transicção entre o falso *Duque* e o authentico gatuno, que o papel requer.

VII—Reapparecimento de duas peças de Eduardo Schwalbach Lucci: Os Pimentas. *Comedia em 3 actos.* A Feira do Diabo. *Satyra em 1 prologo, 1 acto e 3 quadros.* (Theatro Apollo 25 de Janeiro)

A tentativa empreendida, até agora com bom exito, por Eduardo Schwalbach no ex-Principe Real dos dramalhões de faca e alguidar, ou seja o actual Apollo da *Agulha em palheiro* e d' *O Chico das Pêgas*, afigura-se-me curiosa e, creio eu, sem precedente por cá, a não ser, vagamente, com menos exclusivismo, em algumas antigas temporadas de Sousa Bastos.

Isso de um auctor feito empresario, não se vê, nos presentes tempos, tão vulgar e quotidianamente como os actores nas mesmas mandantes condições, mas tambem não constitue nenhuma *avis rara* por ahi alem.

Muito dramaturgo e muito comediographo tem havido, que, desilludidos, ao fim de um curto ou longo numero de scenas felizes ou infelizes, applaudidas ou assobiadas, vieram, num momento de serodia inspiração, a cahir em si, reconhecendo que, afinal, em materia de theatro, aquillo para que verdadeiramente, nasceram talhados, e para onde a sua vocação melhor os attrahia, era o lado commercial da gerencia e da bilheteira.

Quantos auctores fallidos existirão por esse mundo fóra, explorando, á frente de companhias dramaticas ou comicas, as dores de cabeça e as dores de barriga dos seus ex-confra-des, ainda em actividade teimosa ou em timida insipiencia, sorrindo com desdem do trabalho d'elles, ao verificar nas folhas do camaroteiro quanto a noite lhes pingou em metal luzidio ou fedorento papel?

O que, porem, no caso de Eduardo Schwalbach — nem por sombras, está bem de ver, equiparavel aos supra-citados — reveste um certo ineditismo corajoso é essa bizzarria de um

escriptor dramatico, familiarisado com o triumpho, tomar por sua conta a exploração de um theatro para a representação das suas peças, volvendo-se assim, em boa verdade, originalmente, como os poetas comicos de outrora, em empresario de si mesmo.

Seguindo o exemplo de Ruskin, Pérez Galdós lembrou-se um dia de montar, na sua propria residencia, uma typographia e um escriptorio para impressão e venda directa das suas dezenas de volumes. Iniciado sob lisongeiros auspicios, o empreendimento falhou, como falharia, a seguir, um outro, quasi identico, de Jacinto Benavente.

Sem ter nenhum prodigo Luiz da Baviera á mão, Schwalbach não esteve com meias medidas. Farto provavelmente de empresarios, resolveu dispensa-los pela unica maneira conhecida de passar sem alguem incumbido de um serviço imprescindivel, o velho systema, oriundo da comedia, do D. João creado de si mesmo.

Não ha para nos livrarmos de importunos como pôrmo-nos no seu lugar. Cançado de intermediarios, atirou-se Schwalbach, aproveitando uma aberta, para o cadeirão directorial.

Vagando no final da passada epocha o Apollo, arrendou-o para si, decidido a fazer d'elle o seu Bayreuth.

Ao Apollo de Madrid chamaram os hespanhoes «a cathedral do genero chico», e ao theatro-modelo da Baviera dizem-no os wagneroltras a sua Mecca.

Nessa ordem de ideias, o velho Principe Real, onde tão edificantemente se costumava correr, pateando-os, o egoismo dos tyranos e a malvadez dos faccinoras, ameaça vir a tornar-se, alli em plena Rua da Palma — e, caracteristicamente, rua do tacão castigador, naquellas melodramaticas noites de sangueira — sem o silencio religioso da escura sala bavara, e sem o esplendor enmantilhado do templo madrilenos de Alcalá, a Sé do auctor do *Reino da Bolha* e a Mecca do schwalbachismo.

Sem tetralogias, sem walkyrias e sem necessidade de commentarios eruditos, o schwalbachismo não se compara, escusado seria dizê-lo, ao wagnerismo. Ha uma manifesta diversi-

dade entre *A Bisbilhoteira* e *O Crepusculo dos Deuses* ou entre o *Parsifal* e *A Cruz da Esmola*.

Como, no emtanto, Eduardo Schwalbach, que é um auctor comico, ainda quando se mette a fazer drama, simples e desprezenciosamente nos convida a ir á sua nova casa rir um bocado, sempre que tal obtiver, só haverá que louva-lo e de-sejar-lhe casas cheias.

Casas cheias de publico, porque, quanto a pessoal, a companhia do Apollo é tão numerosa que, na outra noite, ao fim d' *A Feira do Diabo*, mal se mexia no pequeno palco.

Sem duvida que o «antes poucos e bons» representa sempre um optimo conselho preferivel, mas emfim como «o que não ha se escusa», e as ladeiras do paiz de Arlequim são ás vezes ingremes como as de Lisboa, que remedio senão pôr muita gente a empurrar o carro pela calçada acima?

*

Para renovar o cartaz, já rouco de apregoar *Chicos das Pêgas*, durante cento e tantas vezes, tivemos a reedição de duas producções de Eduardo Schwalbach, muito conhecidas ambas: *Os Pimentas* e *A Feira do Diabo*.

Se não estou em erro, ao principiar da sua temporada, disse Schwalbach, aos jornaes que o entrevistaram, das suas tenções de transformar *Os Pimentas* numa peça com musica. Foi pena que desistisse do proposito, pois, com a musical guarnição animadora, é possivel que ella se ouvisse com menor enfado do que assim como está, a secco, no seu facil e infantilissimo entrecho, que, revelando, descontada a carencia absoluta de pittoresco, um córte rapido de zarzuela em tres quadros, mal consegue com os seus quatro ou cinco ditos chistosos, conservar-nos sem adormecer em face d'os seus tres actos pueris, repisados e ingenuos.

Passada entre estudantes, parece a enfêzada comedieta uma obra para alguma recita dos ditos, prejudicada, num es-

pectaculo ordinario, pela falta de paciente e familiar atmospheria.

É soporifero esse trivialissimo enredo da *Balbina Pimenta* e do *Thomé Pimenta*, que, vindos da parvalheira á capital para receberem muito em segredo dois decimos premiados com a sorte grande, encontram o filho, *José Pimenta* — gralho cabula, tido pelos paes na conta de um modelo de mancebo e de solteiro, graças ás pennas de um homonymo *José Pimenta*, pavão applicadissimo, com que elle se enfeita — em rija pandega com a mulher, *Maria*, de quem já houve um filho, com um companheiro, *Ernesto*, e a namorada, *Adelaide*, com um sogro, *Leonardo*, especialista em negocios de prego, e com duas indesarrolhaveis garrafas de Champagne em perspectiva.

Já o leitor está vendo que, com a chegada do assaloiado casal, todas as personagens trocam os seus papeis, passando o sogro a ser medico celebre, a mulher de *José* mulher de *Ernesto*, a amante d'este irmã de *Maria*, etc., até que, suspeitando os patêgos das expansões amorosas das trocadas parellhas, depois de uma indigestão de *Thomé Pimenta* e de varios pedidos de apontamentos por parte do authenticico e estudioso *José Pimenta*, tudo se combina para, em bemdita hora, o panno cahir de vez, retomando todos os seus logares, inclusivè os labroistas, promovidos com gaudio á babada dignidade de avós.

Os Pimentas tiveram em tempo, no Gymnasio, como interpretes, entre outros, Jesuina Marques, para quem a *Balbina Pimenta* era uma luva, e Joaquim d'Almeida no *Leonardo*. O desempenho d'agora, correcto e muito bem ensaiado, nada tem que o saliente. Amelia Pereira ensaiou com altos e baixos uma caracteristica. Nascimento Fernandes, cuja excentrica phantasia tem por vezes achados soberbos, não está á vontade na comedia. Alegrim, que é um comico de valor, e brilhou, nada perderia com ser um pouco mais sobrio em passos e em gestos. Prejudica a miudo os effeitos do seu trabalho, devido a accentua-los e insistir nelles demasiadamente.

Os restantes papeis couberam a Rosa Andrade, Alda Aguiar, Sara Medeiros, Gil Ferreira, Antonio Costa, e Reynaldo d'Aze-

vedo, que, deve se-lhes esse elogio, os tinham na ponta da lingua.

*

A Feira do Diabo foi, na sua estreia, representada no Republica em semana de Carnaval. E' natural que atravessasse tambem o Entrudo d'este anno no Apollo.

Chamou-lhe o auctor *satyra em 1 prologo, 1 acto e 3 quadros*, e o comprido acto tem, realmente, muito mais de satyra, bem pouco theatral por vezes, do que de revista. Com algumas scenas talhadas á moda dos velhos autos, e vagas pretenções de philosophia moralisadora, é um trabalho de fertil imaginação, mas que, no entanto, se quereria mais aligeirada, alegre e scintillante.

De resto, é o auctor o primeiro a reconhecê-lo no *Prologo*, que, por ter o grande merito de ser breve, aqui transcreverei. E' *Mephistopheles* quem falla, de encarnado e de monoculo:

«Minhas senhoras e meus senhores... Não se assustem, que não venho fazer uma conferencia! Traz-me cá fóra apenas o proposito de uma rapida explicação. Intitula-se *A Feira do Diabo* a peça que vae representar-se, mas não esperem vêr uma feira com o seu scenario proprio. Não. A minha feira abrange todo o mundo: quasi cada casa—cada barraca; quasi cada individuo—cada feirante... E' este, é aquelle, é mais este e mais aquelle, e mais este e aquelle, e aquelle e este... Com quasi todos faço negocio: a uns compro, a outros vendo, e ainda a outros compro e vendo; tudo depende do momento psychologico. Chamou-lhe o auctor uma satira, porque não tendo de revista senão a critica e fallecendo-lhe para auto a fórmula classica, entendeu que ficava bem no lugar onde a pôz. Esboça-se, talvez, um tudo nada carrancuda, mas logo entra a rir, porque para rir foi feita. Por ultimo: não julgue pessoa alguma, ao vêr esta e aquella personagem, que é com-sigo; não, é sempre com o visinho do lado. Neste ponto o auctor foi de uma correcção extrema. E agora disponham-se

a gostar: se o conseguirem, muito bem; se lhes desagradar, é bater com os tacões e com as bengalas. Onde se fazem, onde se pagam.»

Como se vê, Schwalbach tomou para ponto de partida da sua obra o *Auto da Feira* de Gil Vicente, em que o Diabo, feito bufarinheiro, negocea á nossa vista.

O primeiro quadro, *O Desequilíbrio*, é, num scenario especial bastante dispensavel, um contraste algo monotonó entre os dois irmãos Orçamento, o *Orçamento da Receita*, magro, escanzelado, pedinte, e o *Orçamento da Despeza*, nedio, perdulario e pandego; João-que-chora e João-que-ri; a opulencia e a pelintrice.

O segundo, *A Maromba*, na sala de soccorros a naufragos de *Mephistopheles*, certamente o melhor, tem algumas scenas brilhantes, como a do *Pés-na-cova*, *D. Aparatosa*, *Alcofinhas* e *Bebé* ou a do *Confessor* com a *Facilidades*, a *D. Heraldica*, a *Pureza* e o *D. Pergaminhos*.

No terceiro, *O Equilíbrio*, a satyra afrouxa, havendo apenas de merecedoramente destacavel o typo do *Estupido*.

Tudo isso, com pouca musica, foi desempenhado a contento pela companhia do Apollo, onde Schwalbach, vindo do Conservatorio, trata de encaminhar os novos, á frente dos quaes Ilda Ferreira, uma estrellinha plantada de fresco e ainda pouco desenvolta, tem, no *Mephistopheles*, a engraçada originalidade de córar ao mostrar as pernas, no bisavel:

*São amargas as verdades,
São amargas como o fel,
E são doces as mentiras,
São tão doces como o mel!*

VIII— Um verso de Gil Vicente: Ora venha a caro a ré do Auto da Barca do Inferno e a sua interpretação por Henrique Lopes de Mendonça.

SUBORDINADO á epigraphé *Sobre um verso de Gil Vicente*, publicou o dramaturgo d'A *Morta* o d'O *Duque de Vizeu*, Henrique Lopes de Mendonça, no *Diario de Noticias* de 25 de Janeiro, uma *Carta aberta ao eminente poeta Affonso Lopes Vieira*, que, por visar mui directamente uma passagem do 1.º numero d'**A Mascara**, resolve esta, com prazer, archivar nas suas paginas.

Diz assim o trecho:
«*Meu presado amigo* — Entre as cousas que se teem accusado de intrincadas na interpretação de Gil Vicente, figura um celebre verso do *Auto da Barca do Inferno*, apresentado nas edições até hoje publicadas sob a seguinte enigmatica forma:
Ora venha a caro a ré.

«Na sua excellente adaptação, o meu caro poeta adoptou, para o tornar intelligivel, a versão proposta pela insigne romanista a sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos:
Ora venha Caronte á ré.

«Com o devido respeito pela sabia professora esta lição afigura-se-me absolutamente caprichosa, e, como assevera o nosso commum amigo e brilhante critico Manoel de Sousa Pinto (**A Mascara**, n.º 1, recentemente publicada), de um «descabido significado mythologico».

«Para substituir esta versão, alvitra Sousa Pinto outra, que não me parece mais plausivel, indo catar ao *Cancioneiro da Vaticana* a expressão *a carom* ou *acarom*, que por signal

figura no *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo com os significados: «A' face, á vista, junto, perto, descubertamente e sem cousa alguma de permeio». Ficaria pois o verso assim transformado:

Ora venho a carom á ré.

«E, mau grado a interpretação elucidativa do nosso prezado Sousa Pinto, não vejo que a phrase adquira por tal geito uma extrema clareza. Diz elle: «O Diabo, no citado verso, quer provavelmente apenas dizer que vem *acaro á ré* ou *acarom á ré*, isto é, á prôa, pois que, para mais certeza, da situação inicial da obra se conclue que aproou naquelle momento.»

«Ora em primeiro logar a phrase *a carom* ou *a carão*, por *defronte* ou *á face*, exige para seu complemento a preposição *de* e não a preposição *a*. *A carom de ré* seria, pois, a lição devidamente alterada, querendo dizer porventura que se voltasse (quem?) para ré.

«Mas, em segundo logar, a interrogação que deixo sobre o sujeito da oração permanece no meu espirito sem resposta. O verbo está na terceira pessoa, e não permite, pois supôr que o espirito das trevas se dirija ao interlocutor, cuja dignidade exclue um tratamento apenas usado, n'aquelles tempos, de ordinario, de inferior para superior.

«A interpretação está pois longe de me satisfazer, tanto mais que de ha muito, um instante embaraçado pela manifesta infidelidade de um copista descuidado ou de um compositor insciente, me surgiu luminosamente ao espirito a glosa da qual, salva a minha deferencia pelos doutos commentadores, será bastante difficil demoverem-me.

«Quanto a mim o desalmado copista ou typografo apenas feminisou o artigo e, á semelhança de um grande numero de escritores e escreventes quinhentistas, desprezou o dobramento da consoante *r*, o qual na calligrafia da epoca se traduz por uma differença de caracteres. Explica-se facilmente a sua ininteligencia do texto vicentino, dado que o homem era de todo hospede em assumptos de nautica.

«O verso, na minha opinião, é o seguinte:

Ora venha o carro a ré.

«Assim apresentado, é possível que ao meu caro poeta elle não offereça um significado nitido. Nem o Lopes Vieira, nem o Sousa Pinto, se escandalisarão por certo, não tendo pretensão de encyclopedistas, se eu não lhes attribuir, e tambem á minha Ex.^{ma} collega D. Carolina Michaelis, conhecimentos muito mais amplos do que os do copista em materia nautica.

«*Carro* vem a ser termo nautico que nos dictionarios modernos figura applicado á verga de mezena, com a significação da extremidade mais grossa e inferior da mesma verga. Mais lata e exactamente, esse termo designa a parte inferior de uma antena de vela latina triangular, a qual é habitualmente virada para a prôa. Ha citações italianas e francezas da mesma palavra (V. *Cart* ou *carre* n'este ultimo idioma), remontando ao seculo XVII, no *Glossaire Nautique* de Jal. Permitta-me o transcrever uma d'ellas, de Crescentio (*Nautica Mediterranea*, 1607): «Il Carro é la parte di proda (*dell'antenna*) chè nel far la vela quando si maniga sempre si volta al vento, ed ove ataca il cantillo della vela.»

«Ora a barca do Inferno é uma caravela, como se vê no seguimento do texto. As suas velas triangulares envergam numa antena, cujo carro se volta para vante quando a vela está caçada. Tendo abicado a barca á praia, explica-se facilmente a manobra ordenada pelo Diabo, que mostra ser um perito arraes.

«Desculpe-me o estendal de erudição maritima, que era indispensavel para a perfeita comprehensão da minha glosa. Mas ocorre-me ainda uma citação frisante, a qual se acha a pag. 102 dos meus *Estudos sobre navios portuguezes nos seculos XV e XVI*, em documento quinhentista que trata das medidas de uma caravela: «A Verga grande terá de comprido dezaseis braças, fora o *carro* por respeito do virar que he latina...»

«E basta de importunar os ouvidos da sua deliciosa Musa

com estes prosaicos commentarios a Mestre Gil. Sirva-me de desculpa o estar persuadido, sem vaidade, de que a minha interpretação é segura e definitiva. Por muito feliz me darei se o seu luzido espirito assim a considerar.

«Abraça-o o seu admirador e amigo obrg.^{mo}. s/c, 22 de Janeiro de 1912. — *Henrique Lopes de Mendonça.*

*

Ao tratar do obscuro verso de Gil Vicente, manifestamente estropiado,

Ora venha a caro a ré,

não teve o chronista d'**A Mascara**, que muito folga por haver suscitado tão proveitosa discussão, a minima ideia de, como Lopes de Mendonça suppoz, «dar á phrase uma extrema clareza.» Aventou apenas timidamente uma hypothese, que se lhe afigurou, e, á falta de melhor, se lhe afiguraria ainda, explicar de um modo approximado o significado do verso — pois de comprehensão, e não de clareza, se deve cuidar na leitura dos classicos.

Segundo essa hypothese, o discutido verso ler-se-hia:

Ora venho acaró á ré.

como alliaz o escreveu Lopes de Mendonça na sua interessantissima carta, sendo o sujeito do verbo, assim conjugado na primeira e não na terceira pessoa, o proprio Diabo, e ficando o verso, sem alterações de maior, apenas com uma lettra mudada, visto que, significando *acaró* ou *acarom* defronte, em frente ou em face, tanto se pode empregar com *de*, conforme o pretende Lopes de Mendonça, como com *a*, como **A Mascara** preferiu, sem mais proposito de irrevogabilidade, que não fosse o de rebater formalmente a deslocada e destoante phantasia poetica da sr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos.

Concordando comigo no inaceitavel da proposta da sabia

senhora, e consentindo gentilmente em discutir a minha interpretação, foi Lopes de Mendonça levado a uma outra, solidamente baseada nos seus conhecimentos da terminologia náutica, essa por elle acima exposta, e que tambem a mim me parece «segura e definitiva», não tanto, perdôe-me o caro amigo, pelos argumentos invocados, mas porque a sua explicação muito bem se coaduna com as palavras do verso immediato, que são o unico obice verdadeiro que á minha encontrei.

Todos os textos de Gil Vicente andam carecidos de uma intelligente e critica edição, que os expurgue e monde de quantos erros lá vicejam: erros de palavras, erros de pontuação, numerosissimos, e erros de divisão dos papeis, entendendo por tal a parte que a cada personagem cabe.

Assim, combinando o citado verso, na interpretação de Lopes de Mendonça, com o seguinte:

Feito, feito, bem está,

quer-me parecer que o texto, ganhando em movimento, se deveria dividir d'este modo:

O DIABO — *A' barca, á barca, hou lá!*

Que temos gentil maré!

Ora venha o carro a ré!

O COMPANHEIRO — *Feito, feito.*

O DIABO — *Bem está!*

E já que estamos com as mãos na vicentina massa saborosa, quero ainda fazer, se mo permite, uma pergunta a Lopes de Mendonça, apaixonado gilvicentista de velha data, como o prova a sua rhapsodia de motivos do poeta *O Tição Negro*, e marinheiro.

Na sua falla diz mais adiante O Diabo ao Companheiro:

Faz aquella poja lesta,

E alija aquella adriça!

e este, executando a manobra, responde, segundo o texto das varias edições, com estas arrepiantes palavras, que Affonso Lopes Vieira conserva na sua adaptação:

O' caça, ó ciça,

e que, pela differença de pronuncia da primeira syllaba de ambas, não devem representar um mero idiotismo popular ou maritimo.

Não será versão mais exacta com os movimentos que o grumete vae executando, escrever o verso da seguinte maneira:

Oh! caça! Oh! iça!

Que lhe parece a Lopes de Mendonça, a quem, bem como aos seus leitores, passa **A Mascara** a dar uma boa nova relativa a Gil Vicente?

Muito breve o genial auteiro vae, nas melhores das suas obras, ser traduzido em italiano pelo eminente lusophilo Achille Pellizzari, actualmente professor da Universidade de Messina, para uma grande Bibliotheca de Classicos Estrangeiros, do editor Laterza, de Bari.

Começa assim, no estrangeiro, onde só Camões se traduz, Gil Vicente a tomar o seu logar ao lado do epico, para que a Europa vá, emfim, divisando essa sua immensa alma de artista, que, no dizer quente e justo do insuspeito Menéndez y Pelayo «era um echo sonoro de todas as vibrações da consciencia do seu seculo.»





A MASCARA

No proximo numero, tratará A MAS-
CARA, entre outros assumptos,
da peça de Bilhaut e Hennequim: *A*
Melhor das Mulheres, em scena no Re-
publica.



✻ ✻ **A MASCARA** publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de julho, em folhetos de 16 a 32 paginas. ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

PREÇOS

AVULSO:

Portugal..... 50 réis
Brazil..... 250 réis (moeda fraca)

ASSIGNATURA (pagamento adeantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal..... 550 réis
Brazil..... 2\$500 réis (moeda fraca)

✻ Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida á **LIVRARIA FERIN, EDITORA. BAPTISTA, TORRES & Ct.^a, 70, RUA NOVA DO ALMADA, 74.**

✻ A que diga respeito ao auctor para a **AVENIDA DA LIBERDADE, 178, 4.º, Esq.º** ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

✻ **Agentes d'A MASCARA:**

✻ **COIMBRA—LIVRARIA ACADEMICA** de João de Moura Marques — 171, Rua Ferreira Borges, 173. ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻